

# CINEMA, POLÍTICA E JUVENTUDE: NARRATIVAS DE LUTA POR EDUCAÇÃO PÚBLICA NO DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

## *CINE, POLÍTICA Y JUVENTUD: NARRATIVAS DE LUCHA POR LA EDUCACIÓN PÚBLICA EN EL DOCUMENTAL BRASILEÑO CONTEMPORÁNEO*

Felipe Chiaretti Veronez<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esta pesquisa envolve a análise da linguagem audiovisual dos documentários *Eleições* (2019), de Alice Riff, e *Espero tua (Re)volta* (2019), de Eliza Capai, que abordam a atuação política e a resistência dos estudantes secundaristas de São Paulo em defesa da educação pública, observando as características que os configuram como uma contra narrativa ao discurso oficial, de deslegitimação e criminalização dos movimentos sociais. Nesse sentido, a pesquisa pretende compreender os documentários não só como registro histórico, mas também verificando suas estratégias de discurso como ferramenta de mobilização através da interlocução direta com o espectador, além do papel da distribuição gratuita na trajetória ativista dos filmes.

**Palavras-chave:** cinema ativista; documentário; movimento estudantil; cinema político

### **Resumen**

Esta investigación involucra el análisis del lenguaje audiovisual de los documentales *Elecciones* (2019), de Alice Riff, y *Espero tua (Re)Volta* (2019), de Eliza Capai, que discuten la actuación política y la resistencia de los estudiantes secundarios de São Paulo en defensa de la educación pública, observando las características que los constituyen como una contra narrativa al discurso oficial, de deslegitimación y criminalización de los movimientos sociales. En este sentido, la investigación pretende entender los documentales no sólo como registro histórico, sino también verificando sus estrategias de discurso como herramienta de movilización a través del diálogo directo con el espectador, además del papel de la libre distribución en la trayectoria activista de las películas.

**Palabras clave:** cine activista; documental; movimiento estudantil; cine político

---

<sup>1</sup> Discente do curso de graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

## Introdução

A mobilização dos estudantes secundaristas em defesa da educação pública foi tema central de dois documentários brasileiros, que serão adotados como objetos desta pesquisa. São eles *Eleições* (2019), dirigido por Alice Riff, e *Espero tua (Re)Volta* (2019), dirigido por Eliza Capai. Ambos apresentam processos de formação e atuação política de jovens estudantes de São Paulo em diferentes esferas sociais. Enquanto o filme de Alice Riff acompanha o cotidiano dos alunos de uma escola estadual e as mobilizações para a eleição do grêmio estudantil, *Espero tua (Re)volta* aborda as ocupações de escolas e as manifestações organizadas pelos alunos contra o fechamento de unidades e a precarização do ensino.

A partir do protagonismo e do olhar dos estudantes no processo de construção dos filmes, a pesquisa envolve um estudo de representação através de análise da forma como a juventude periférica é representada. Para além do registro histórico, o objetivo é também compreender a adoção de um caráter ativista, sustentado não só pela forma fílmica, que estabelece uma interlocução direta com o espectador, como pelo formato de circulação da obra. Em suma, os objetos serão analisados de modo a compreender sua forma fílmica, com foco nos fenômenos da representação e na maneira como os discursos são construídos. Para isso, serão adotadas como ferramentas de pesquisa a análise fílmica dos documentários, permeada pela contextualização sócio-histórica e a pesquisa bibliográfica.

Nesse sentido, foram selecionadas sequências e elementos dos filmes que envolvem o protagonismo da juventude na construção textual para observar a forma em que se constitui a autorrepresentação, como a narração dos três protagonistas em *Espero tua (Re)Volta*, e suas perspectivas sobre identidade, e a condução narrativa de Laura e Lívia em *Eleições*. Além disso, também será observado o espaço em que ambos os documentários buscam ocupar no contexto histórico através de análise do formato de circulação gratuita adotado.

Nos últimos anos, a situação política conturbada do Brasil tem sido abordada em diversos documentários que buscam não só assumir o controle da narrativa, mas também compreender os processos que tem definido os rumos da história recente do país. É o caso de *O Processo* (2018), de Maria Augusta Ramos, *Excelentíssimos* (2018), de Douglas Duarte, e *Democracia em Vertigem* (2019), de Petra Costa, que refletem sobre o estado de polarização da sociedade brasileira e os desdobramentos do golpe de 2016 que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. Nesse sentido, os eventos políticos abordados nesses filmes permeiam a narrativa dos dois documentários que serão analisados, que adotam uma outra perspectiva: a de pensar a política brasileira através das mobilizações estudantis contra a precarização do ensino público.

Em *Eleições*, a organização dos estudantes para a eleição do grêmio estudantil revela a inerência da política na existência humana em sociedade. O documentário, filmado em 2018 em uma escola estadual de São Paulo, propõe o debate sobre a percepção de democracia e da atividade política dos jovens, permitindo estabelecer conexões diretas entre esse microcosmo e as eleições federais e estaduais que ocorrem em simultaneidade.

Dessa forma, para além dos desafios e problemas da escola, o interesse por melhorias na instituição também envolve ideologias e temas recorrentes da política nacional, que reverberam no comportamento dos jovens. Percebe-se pela composição das chapas, formadas por estudantes que discutem os caminhos de atuação dividindo-se entre pautas feministas, defesa das minorias sociais, moralidade religiosa e alunos sem posicionamento claro, que aparentam não saber o que estão fazendo. Assim, o processo eleitoral envolve debates polêmicos, problemas de campanha, *fake news*, votos nulos e crise de representatividade, reproduzindo a experiência das eleições de 2018.

Em diálogo, *Espero tua (Re)Volta* parte da insurgência dos estudantes frente à precarização do ensino público e à reorganização escolar<sup>2</sup> do Governo Estadual de São Paulo em 2015, que previa o fechamento de quase 100 escolas, o que dificultaria o acesso dos estudantes de baixa renda à educação básica. Ademais, o documentário apresenta um painel sobre os movimentos e as lutas estudantis, resgatando a história recente brasileira, desde 2013 até a eleição de Bolsonaro, através das perspectivas e vivências de três jovens secundaristas que ocuparam papéis centrais nas manifestações de rua e na ocupação das escolas, e que compartilham suas experiências de atuação frente a repressão policial e a negligência do poder público

Seja ocupando as ruas ou a própria instituição escolar, ambos os documentários, se destacam ao posicionar a juventude no centro do debate sobre educação pública. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender como a organização narrativa e a construção imagética, sonora e textual dos documentários os configuram como uma ferramenta de ativismo e uma contra narrativa ao discurso oficial, de deslegitimação e criminalização dos movimentos estudantis, reiterado pela mídia tradicional, que tem forte impacto na opinião pública, e que permeia o senso comum de uma sociedade pouco participativa quando se trata de educação pública.

---

<sup>2</sup> REORGANIZAÇÃO atinge 311 mil alunos e ‘disponibiliza’ 94 escolas de SP. **G1 São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2015. Disponível em: <http://glo.bo/1H4tpwj>. Acesso em 12 mai. 2021.

## A luta dos estudantes na tela

A tendência dos documentários brasileiros de adotar uma abordagem particularizada para desenvolver análises do contexto sócio-histórico, mudança perceptível a partir de meados dos anos 1980, é apontada por Karla Holanda (2006), que entende a micro-história como “a prática historiográfica que utiliza uma reduzida escala de observação, ou na análise da história de indivíduos ou da história de comunidades, diferenciando-se da história-síntese.” Tal aspecto pode ser observado em ambos os filmes aqui tratados, cujas narrativas partem de histórias e experiências individuais ou de pequenos grupos para refletir sobre a juventude em geral, e a educação pública brasileira como um todo.

No caso de *Eleições*, esse microcosmo está restrito ao espaço da Escola Estadual Doutor Alarico Silveira, localizada em São Paulo, onde a narrativa se desenvolve a partir de uma câmera que observa a dinâmica entre os estudantes e que acompanha suas inquietações. Dessa forma, o filme, que adota um aspecto observacional na maior do tempo, apresenta quatro diferentes visões de mundo em conflito, atentando-se para as práticas democráticas e os processos de formação política no ambiente escolar.

Em relação ao documentário observacional, Bill Nichols (2005) aponta que há um “aumento do ‘efeito verdade’ graças a objetividade, ao imediatismo e à impressão de capturar fielmente acontecimentos na vida cotidiana de determinadas pessoas”. Dessa forma, apesar de não haver um comentário direto e explícito sobre as imagens, que abre margem para uma percepção mais livre por parte do espectador, ainda é possível extrair significações a partir das escolhas de enquadramento e de montagem, que direcionam o olhar para personagens e situações específicas, em detrimento de outras, revelando o papel da cineasta como “testemunha participante e ativo fabricante de significados” (NICHOLS, 2005. p. 49).

Para o autor, “o documentário sempre foi uma forma de representação e nunca uma janela aberta para a ‘realidade’” e o cineasta “sempre foi muito mais um produtor de discurso cinemático do que um repórter neutro ou onisciente da verdadeira realidade das coisas” (NICHOLS, 2005, p. 45). Nesse sentido, considerando suas estratégias textuais, *Eleições* pode até carregar um certo efeito fenomenológico, já que “propõem revelações sobre o real não como base de uma argumentação direta, mas com base nas inferências que extraímos da própria evidência histórica” (NICHOLS, 2005, p. 54), muito embora presente também rupturas com o aspecto observacional.

Assim, é possível pensar em uma imersão do espectador na escola através dos posicionamentos e da mobilidade da câmera. Diversos enquadramentos adotados tomam o lugar

de um aluno observador, como se o sujeito-da-câmera estivesse ocupando um lugar na sala de aula ou andando pelos corredores com outros alunos. Como sujeito-da-câmera, entende-se não apenas “o corpo físico que segura a câmera, mas a subjetividade que é fundada pelo espectador na tomada, subjetividade ela mesma definida como âncora, ainda na tomada, pela fruição espectral.” (RAMOS, 2013, p.83).

Por outro lado, o filme também recorre a sequências em que os estudantes assumem o controle da câmera para conduzir a narrativa, momentos que rompem com a estrutura observacional, partindo para uma abordagem que simula um viés midiático televisivo, mesclado com aspectos cômicos da cibercultura, fortemente ligados a identidade dos jovens.

Nos trechos em questão, Laura e Lívia, creditadas como *youtubers*, conversam diretamente com o espectador exercendo o papel da mídia que está cobrindo as eleições do grêmio. Assim, elas entrevistam os alunos candidatos, os eleitores, levantam questionamentos sobre o processo, e nos situa cronologicamente, interligando os diferentes momentos da narrativa. Aqui, a imagem é captada por um dispositivo celular manipulado por estudantes, aspecto que ressalta o protagonismo dos jovens e seu envolvimento com a construção do filme. Além disso, há também uma sequência em que são apresentadas as campanhas publicitárias das quatro chapas, idealizadas pelos integrantes, que sintetizam as diferentes naturezas ideológicas em debate e são pautadas pela autorrepresentação. Conforme mencionado por Alice Riff em entrevista ao G1<sup>3</sup>, o projeto do filme entrou no currículo pedagógico da escola, sendo construído coletivamente com a participação de professores e alunos. Segundo a diretora, o interesse por fazer a cobertura partiu dos alunos através de uma oficina de jornalismo que foi ofertada, considerando a importância do papel da mídia na eleição. (RIFF apud OLIVEIRA, 2019).

Apesar da predominância do aspecto observacional no documentário, vale destacar duas sequências onde ocorre uma mescla com as entrevistas, envolvendo questões relacionadas às reivindicações dos estudantes e à presença (ou ausência) do Estado. Em relação a primeira, a sequência dos debates, observamos uma dificuldade dos alunos em articular as ideias, motivo de conflito e de confusão, reforçado pela montagem que acompanha a inquietude dos estudantes. Há também a explicitação de uma crise de representatividade, conforme verificado nas falas da série de eleitores entrevistados. Com isso, é possível perceber a interferência da opinião pública no posicionamento das chapas.

Ainda assim, é notável o alinhamento entre as pautas dos gremistas e os temas latentes da política nacional, que extrapolam os limites do muro da escola. Uma delas, as questões

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Elida. Documentário sobre eleição de grêmio estudantil mostra reflexos da política nacional e das lutas sociais na escola. G1, 13 mar. 2019.

identitárias, se mostram inerentes ao ideal de uma escola melhor, que seja mais inclusiva e democrática. Outro ponto de destaque está relacionado aos problemas estruturais, decorrentes do sucateamento das instituições de ensino, bastante apontado pelos alunos, e reafirmado pela direção através de planos que enfatizam as goteiras, as rachaduras, e a precariedade da infraestrutura em geral.

Em relação à figura do Estado, percebe-se à ausência não só a partir desses planos, mas também pela informação revelada pela coordenação de que a escola dispõe de um valor insuficiente para manutenções. A câmera acompanha um grupo de alunas que descobrem a existência de uma sala abandonada com um acervo de livros e de instrumentos musicais, porém inoperante por impossibilidade de execução por parte da escola.

Em contraponto, o Estado se faz presente através da própria estrutura física da escola, com um excesso de grades associáveis a uma ideia de privação da liberdade, e pelo posicionamento incisivo da diretora da escola, autodeclarada como representante do Estado, que impede o acesso às salas de aulas aos alunos que chegaram poucos minutos atrasados. Tal aspecto fica mais evidente pelo embate que surge em torno das ações da Ronda Escolar, vinculada à Polícia Militar do Estado de São Paulo, que, embora seja apontada pela instituição como um órgão de proteção, é acusada de agressão por um grupo expressivo de estudantes. Esse é um dos temas centrais dos debates, que abre espaço para depoimentos de alunos que vivenciaram a repressão na cobertura midiática mencionada anteriormente.

Ademais, ao imergir na escola, *Eleições* não busca apenas observar e compreender esse microcosmo, mas também dar voz à juventude, evitando cair no lugar comum de silenciamento e exclusão dos estudantes do debate sobre os rumos da educação pública. Esse aspecto também está presente em *Espero tua (Re)Volta*, talvez com mais intensidade, já que o filme é composto por registros explícitos de forte repressão, narrados por estudantes que as vivenciaram, enquanto em *Eleições* a repressão por parte da polícia fica no campo da acusação.

Quanto ao filme de Eliza Capai, a estruturação se dá a partir de uma linguagem didática. O documentário busca aproximar o espectador do movimento estudantil, abordando a diversidade que o compõe através dos personagens e reivindicando o controle da narrativa sobre as manifestações e ocupações ocorridas em 2015 contra o fechamento de escolas no estado de São Paulo. Dessa forma, esses atos são contextualizados socio-historicamente entre os anos de 2013 e 2019, relacionando-os aos desdobramentos recentes da situação política brasileira, partindo das Jornadas de Junho e passando pelo golpe de 2016, até a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Diferente de *Eleições*, aqui não se trata de um documentário observacional. A narração presente do início ao fim, onde os participantes se colocam diante da câmera para dar seu testemunho falando diretamente ao espectador, faz com que ele seja pautado no discurso direto, estilo que serviu de modelo para o documentário contemporâneo. (NICHOLS, 2005, p. 49). As experiências individuais dos três protagonistas evocam as imagens, em sua maioria material de arquivo de origens diversas. Há uma suposição de que as coisas aconteceram da forma como as testemunhas a recordam, e para que não haja dúvidas, a cineasta respeitosamente, encontra imagens ilustrativas que comprovam isso. (NICHOLS, 2005, p. 62) Assim, é possível notar “certa dissolução da autoria, estimulada pela ampla utilização de cenas filmadas por populares, midiativistas e jornalistas independentes.” (SENA; GUSMAN. 2020).

Em linhas gerais, o filme envolve o espectador em uma discussão sobre os caminhos da luta estudantil e suas formas de atuação política, desenvolvendo um dialogismo entre Lucas Penteadó e Nayara Souza, vinculados a movimentos estudantis organizados, e Marcela Jesus, militante autonomista. Os protagonistas discursam a partir de suas memórias enquanto secundaristas conforme escolhem as imagens que preenchem a tela, em uma espécie de conversa com o montador. Para além disso, suas vozes também controlam a narrativa, rompendo com a linearidade cronológica. Em diversas sequências, os protagonistas chegam a pedir para que uma imagem específica seja apresentada ao espectador.

Em relação a narrativa, há uma flexibilidade que segue o fluxo de ideias conforme elas vão surgindo. Os protagonistas, a partir de suas individualidades, deslocam o espectador para um momento específico ou para a abordagem de uma ideia pontual, sem desvinculá-lo da temática central, articulando, de forma bastante inventiva, todas as sequências, de modo que, apesar das idas e vindas, ainda seja possível se situar. Para ilustrar, é possível pensar em uma aproximação com o *hiperlink*, como se a articulação das ideias seguisse um fluxo similar a navegação na web, aspecto fortemente presente no cotidiano dos estudantes e que ditam sua maneira de lidar com as informações. Segundo a realizadora, o “desafio era, em parceria com o editor e o designer de som, criar uma trama moderna, inspirada na utilização da internet, em que assuntos puxam outros assuntos, abas são abertas e às vezes voltam a serem consultadas”. (NAGIME, 2019). Vale mencionar que a associação ao *hiperlink* se restringe apenas ao estilo narrativo adotado, não havendo aqui a possibilidade de controle sobre o filme por parte do espectador.

Tanto *Eleições* como *Espero tua (Re)volta* são obras marcadas por elementos do ciberespaço e da contemporaneidade, “que se renovam a partir de estratégias extraídas da arte contemporânea e que propiciam outras maneiras de se relacionar com imagens em movimento,

[...] impondo modificações à interação do espectador.” (LINS; MESQUITA, 2008). Vale também ressaltar o debate sobre novos dispositivos no documentário, cuja “noção remete à criação, pelo realizador, de um artifício ou protocolo produtor de situações a serem filmadas” (LINS; MESQUITA, 2008), notáveis nas narrativas de ambos os documentários, seja partindo da eleição de um grêmio estudantil ou da interação entre jovens que compartilham uma experiência de militância.

Para além da pauta estudantil, o documentário também levanta um panorama sobre a juventude em geral a partir dessas três micro-histórias e suas existências enquanto corpos oprimidos por questões raciais, de renda, de gênero e de sexualidade. Nesse sentido, há uma reivindicação e reafirmação da liberdade vinculada às questões identitárias. Além disso, a marginalização das pessoas de baixa renda é um tema latente, passando pelo debate sobre o acesso a cidade e a criminalização da pobreza.

Vale mencionar a sequência em que Marcela apresenta a cidade de São Paulo sobre o viés de quem vive às margens. Suas falas sobre a dificuldade financeira da família evocam uma série de imagens que alternam entre o fluxo acelerado da cidade, os contrastes socioeconômicos, as pessoas que nela (sobre)vivem diariamente, os mecanismos de controle do Estado e as manifestações populares, articulando as imagens como motivação para os protestos ao som da letra incisiva de “Mandume”, música interpretada por Emicida, Amiri, Drik Barbosa, Muzzike, Raphão Alaafin e Rico Dalasam: *“Eles querem que alguém / Que vem de onde nós vem / Seja mais humilde, baixa a cabeça / Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda / Eu quero é que eles se-!”*

Ao abrir o espaço para a livre expressão dessa juventude inserindo-a como protagonista central na construção fílmica, há uma potencialização do tema em decorrência da autorrepresentação. É importante destacar que “o projeto de elaborar ‘de dentro’ as identidades dos grupos sociais retratados, em oposição ao estigma, de dar-lhes visibilidade de uma perspectiva que se propõe ‘interna’, está presente em muitas iniciativas ligadas aos movimentos populares.” (LINS; MESQUITA, 2008). Nesse sentido, a autorrepresentação orienta tanto *Espero tua (Re)Volta* quanto *Eleições*, em menor escala, aproximando a juventude periférica, os “sujeitos da experiência”, da construção narrativa dos filmes, de modo a evitar que seu discurso seja abafado pela perspectiva das cineastas. (BERNARDET, 2003 apud ANJOS; OLIVEIRA; COLUCCI, 2014).

Assim, o documentário se constitui como espaço de confronto contra a mídia tradicional, em que o “olhar de dentro” é resultado de uma aliança política entre estudantes e cineastas. (SENA; GUSMAN, 2020). Para isso, conforme aponta Nichols (2012), há a

predominância de formas e estilos persuasivos, que provocam o espectador a fazer novas descobertas. Dessa forma, o documentário tenta “expressar um senso de comunidade em construção, construção essa que, nesse caso, gira em torno de massas de pessoas reais, que se unem para alcançar objetivos inalcançáveis por quaisquer outros meios.” (NICHOLS, 2012, p. 182).

Essa aliança fica evidente na sequência em que os estudantes são agredidos pela Polícia Militar em um ato público, assim como nas sequências que acompanham as ocupações. No caso da primeira, a montagem intercala duas perspectivas: a câmera da Globo News que capta a partir de um helicóptero, distante, a cena de conflito transmitida pela TV, onde não se vê muitos detalhes além da confusão, e, por outro lado, em contraste, uma câmera imersiva, que caminha pela cidade e registra a repressão e as agressões sofridas pelos estudantes, que se manifestavam pacificamente, assim como a reação indignada dos transeuntes que se solidarizam à causa dos estudantes. Nas sequências da ocupação, a produção de imagens por meio dos estudantes revela um cenário que as câmeras externas ao ambiente escolar são incapazes de veicular. O contraste entre essas imagens favorece a luta dos estudantes e reforça a disputa de narrativas entre os diferentes meios.

### **As disputas de narrativas e o acesso à comunicação**

As escolas públicas brasileiras, tematizadas pelos documentários, são ocupadas, majoritariamente, por jovens periféricos oriundos de famílias de baixa renda. Nesse sentido, o debate acerca da democratização da mídia aponta para o distanciamento entre essa juventude e sua representação construída pelas narrativas midiáticas, que exerce forte influência na opinião pública, especialmente em relação às mobilizações estudantis.

Conforme aponta Fernanda Coelho da Silva (2008), os jovens pobres não têm acesso ao direito à comunicação e a produção de informação, ficando impedidos de veicular sua autorrepresentação em contraponto a um estereótipo midiático que os associa ao crime. Nesse sentido, ao se aproximar da juventude, os documentários possibilitam uma perspectiva alternativa ao lugar comum, de exclusão e silenciamento, que nos permite olhar de perto e reconhecer a diversidade de identidades e subjetividades.

Em diálogo, Ercio Sena e Juliana Gusman (2020) chamam a atenção para a “guerra de imagens”, que envolve a difusão da ideia de invasão em detrimento do termo “ocupação” e a espetacularização da violência policial, que contribui para a atribuição do estereótipo do

vândalo, utilizada estrategicamente pela grande mídia de forma a deslegitimar os movimentos sociais e beneficiar a agenda neoliberal em curso.

Na contramão, *Eleições* se aproxima dessas personagens a partir da inserção em seu universo, enquanto *Espero tua (Re)volta* as envolve na construção da narrativa, trazendo a centralidade para suas vozes. Para Stuart Hall (2016, apud SENA; GUSMAN, 2020), “a representação é um ato criativo que orienta a atitude dos sujeitos no mundo”, já que “o real é uma construção social permeada pelas narrativas, por discursos midiáticos e por suas imagens.” (SENA; GUSMAN, 2020). Com isso, a produção de imagens por parte dos estudantes de dentro das ocupações confronta e desconstrói a disseminação da ideia de invasão e vandalismo.

Em relação à disputa de narrativas, é possível estabelecer um diálogo com a observação do autor de que “é comum que as pessoas significativamente diferentes da maioria em algum aspecto – ‘eles’ em vez de ‘nós’ – fiquem expostas a esta forma binária de representação.” (HALL, 2016, p. 145). Entende-se aqui como maioria a parcela da população que possui ampla representação política e acesso à produção de informação. Nesse sentido, voltando-se para a produção cinematográfica, Bernardet (2003 apud LINS; MESQUITA, 2008) aponta para uma abordagem fetichista e sacralizada do “outro de classe” por parte dos cineastas, de modo a evitar que contradições ao pobre favoreçam mecanismos de opressão.

Em entrevista para a Mídia Ninja, a realizadora Eliza Capai (2019) destaca esse binarismo como uma tendência nas mídias, que, por um lado, retratam os estudantes como vândalos, e por outro, como heróis. Em *Espero tua (Re)Volta* é notável um desvio desse formato, já que escolhe destacar as vulnerabilidades, as contradições e o choque ideológico entre eles. A diretora ainda aponta que, em reunião com os estudantes, foi reivindicada essa não representação do heroísmo, uma vez que o custo emocional dessa luta é muito alto, envolvendo casos de depressão e ataques de ansiedade (CAPAI, 2019), conforme bem retratado no depoimento de Marcela, presente no filme.

Ademais, a disputa de narrativas também envolve o poder de circulação dessas imagens. Por vias mercadológicas, sabe-se que os documentários tem pouco espaço nas salas de exibição comerciais, considerando a baixa predileção do público pela produção nacional e por filmes desse gênero. Do outro lado, há uma veiculação massiva de informação por parte das grandes empresas de mídia. Dessa forma, a circulação comercial não seria o suficiente para contemplar o caráter ativista dos filmes, que buscam não só o registro histórico, mas também o engajamento político através da interlocução com o espectador.

Assim, além da distribuição comercial, ambos os documentários utilizaram de estratégias de circulação gratuita vinculadas a plataformas de mobilização social como o

Videocamp e a Taturana. A partir delas, é possível organizar sessões coletivas gratuitamente, visando o fortalecimento do circuito independente e a democratização do acesso ao cinema.

Vale mencionar que a produção de *Eleições* foi viabilizada através de edital de fomento<sup>4</sup> lançado pelo Videocamp voltado a projetos que trouxessem assuntos relevantes para o grande público, ressaltando o poder do audiovisual como ferramenta de transformação e difusão de informação. Além da circulação gratuita de mobilização<sup>5</sup>, o filme também possui distribuição comercial através da Olhar Distribuição.

Quanto a *Espero tua (Re)volta*, os dados disponibilizados pela Taturana<sup>6</sup> revelam a realização de 334 sessões gratuitas com 179 municípios alcançados. Entre elas, 170 sessões com relatório de impacto social, que atingiram um público aproximado de 5697 espectadores. Entre os principais espaços onde o filme foi exibido, estão escolas públicas e universidades, além de espaços e centros culturais, organizações sociais, coletivos, cineclubes, entre outros.

Por fim, vale destacar a importância de descentralizar os espaços de exibição, para além das salas de cinema comuns. Os filmes independentes no Brasil, em especial os documentários, costumam ter sua circulação limitada às capitais e aos cinemas de bairros nobres, espaços de difícil acesso para a população de baixa renda ou que vivem no interior. Nesse sentido, a democratização do acesso se faz essencial para que os filmes rompam a barreira do mercado e circulem por espaços alternativos, reforçando o compromisso com a transformação social.

### **Considerações Finais**

Os documentários abordados neste artigo dialogam com outras produções cinematográficas recentes, como os documentários *Escolas em Luta* (2017), codirigido por Eduardo Consonni, Rodrigo T. Marques e Tiago Tambelli, e *Lute como uma menina* (2016), codirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso, que registram a história dos movimentos secundaristas de modo a confrontar as narrativas neoliberais, que tem exercido forte impacto na situação política brasileira.

A utilização de imagens da mobilização dos estudantes, tanto nos atos de rua quanto nas ocupações, e da repressão policial aos movimentos, representa não só uma ferramenta de

---

<sup>4</sup> Edital Videocamp de Filmes Transformadores. 2017. Disponível em <http://editalcocacola.videocamp.com/>. Acesso em 22 set. 2021.

<sup>5</sup> ELEIÇÕES. In: **Videocamp**. [S. l.], 2019. Disponível em: [www.videocamp.com/pt/movies/eleicoes](http://www.videocamp.com/pt/movies/eleicoes). Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>6</sup> Os dados estão públicos no website da **Taturana Mobilização Social** na página do filme *Espero tua (Re)volta*. Disponível em: <http://taturanamobi.com.br/film/espero-tua-re-volta>. Acesso em: 22 set. 2021.

formação política para o espectador, mas também um registro histórico sob a perspectiva dos estudantes que subverte o discurso das autoridades e da grande mídia, que costuma excluir a juventude periférica dos processos políticos que ditam os rumos da educação pública e de sua própria vida.

Assim, o envolvimento da juventude na construção dos filmes, tanto na condução narrativa quanto na produção de imagens, nos permite um olhar através da autorrepresentação, que confronta o estereótipo do jovem alienado e despolitizado. Em meio a precarização da educação pública e o sucateamento das instituições de ensino, os estudantes resistem, organizados e atentos às ameaças a democracia, aos seus direitos, aos seus corpos e suas liberdades individuais.

Ao explorar de dentro uma instituição de ensino pública sucateada, *Eleições* aproxima o espectador daqueles que vivem e constroem todos os dias este espaço, os estudantes, professores e demais profissionais da educação. Assim, opera na contramão da mídia tradicional, que comumente prioriza falas de autoridades vinculadas ao poder público, ao trabalhar o senso de comunidade através desse espaço, aspecto também presente no filme de Capai.

Com isso, a narração dos três protagonistas em *Espero tua (Re)volta* pretende não só persuadir o espectador, mas também educar através do didatismo, apresentando um novo olhar diferente da narrativa de deslegitimação e criminalização dos movimentos, comum à opinião pública. Nesse sentido, o estabelecimento de uma interlocução com o espectador tem forte relação com a forma como o filme tem sido distribuído, de forma gratuita para qualquer pessoa, por plataformas de mobilização social, que visam o incentivo à realização de exposições públicas.

Por fim, no caso de *Eleições* e *Espero tua (Re)Volta*, o cinema vai além do papel de registro histórico, adquirindo também um caráter ativista como ferramenta de mobilização. Assim, é válido observar os dois filmes como frutos de uma tendência do documentário contemporâneo de assumir o controle das narrativas, relacionadas a um contexto de forte polarização, trazendo novos olhares e reforçando a pluralidade essencial para os processos políticos. Pluralidade essa que revela uma juventude engajada, que tem voz ativa e que está disposta a participar dos processos de construção social, representando uma parcela da sociedade que anseia por alternativas políticas mais democráticas e populares

## Referências Bibliográficas

ANJOS, Alinny Ayalla Cosmo dos; OLIVEIRA, Luciana; COLUCCI, Maria Beatriz. Documentário Brasileiro Contemporâneo: Narrativas Sociais e Novos Dispositivos. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, João Pessoa, 15 maio 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/uzdp942a>. Acesso em: 04 set. 2021.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e Imagem do Povo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003

CAPAI, Eliza. **Em novo filme, Eliza Capai traça um panorama atual do movimento estudantil no país**. Entrevista concedida a Mídia Ninja. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/AxHf5S4tpic>. Acesso em: 14 mai. 2021

ESPERO tua (Re)volta. *In: Taturana Mobilização Social*. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://taturanamobi.com.br/film/espero-tua-re-volta>. Acesso em: 22 set. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016.

HOLANDA, Karla. Documentário Brasileiro Contemporâneo e a Micro-história. **Fênix Revista de História e Estudos Culturais: Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia**, ano 3, v. 3, n. 1, jan/fev/mar. 2006. Disponível em: <https://tinyurl.com/49bbyrph>. Acesso em: 14 maio 2021.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NAGIME, Mateus. Cinema latino-americano e além: um olhar aos filmes da Berlinale 2019. **Imagofagia: Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**. n. 19, 2019. Disponível em: <http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/download/1837/1511>. Acesso em: 14 set. 2021.

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. *In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). Teoria Contemporânea do Cinema: Documentário e narratividade ficcional*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. v. 2, ISBN 85-7359-423-3.

NICHOLS, Bill. Como os documentários têm tratado as questões sociais e políticas? *In: NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário*. Tradução: Mônica Saddy Martins. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 210-219. ISBN 978-85-308-0785-6.

OLIVEIRA, Elida. Documentário sobre eleição de grêmio estudantil mostra reflexos da política nacional e das lutas sociais na escola. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/03/13/documentario-sobre-eleicao-de-gremio-estudantil-mostra-reflexos-da-politica-nacional-e-das-lutas-sociais-na-escola.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2021.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... O que é mesmo documentário? *In*: RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2013. p. 21-126. ISBN 978-85-396-0360-2.

SENA, Ercio; GUSMAN, Juliana. A luta por educação pública no documentário. **XXIX Encontro Anual da Compós**: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/4cdcdep>. Acesso em: 18 ago 2021.

SILVA, Fernanda Coelho da. A Juventude na Mídia Brasileira: estereótipos e exclusão. **Revista Anagrama**, São Paulo, ano 1, ed. 4, jun/ago. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35327/38047>. Acesso em: 12 ago 2021

## **Filmografia**

**DEMOCRACIA EM VERTIGEM.** Direção: Petra Costa. Brasil, 2019. 113 min.

**ELEIÇÕES.** Direção: Alice Riff. Brasil, 2019. 100 min.

**ESCOLAS EM LUTA.** Direção: Eduardo Consonni, Tiago Tambelli, Rodrigo Marques. Brasil, 2017. 77 min.

**ESPERO TUA (RE)VOLTA.** Direção: Eliza Capai. Brasil, 2019. 93 min.

**EXCELENTÍSSIMOS.** Direção: Douglas Duarte. Brasil, 2018. 152 min.

**LUTE COMO UMA MENINA.** Direção: Flávio Colombini, Beatriz Alonso. Brasil, 2016. 76 min.

**O PROCESSO.** Direção: Maria Augusta Ramos. Brasil, 2018. 141 min.